

## Meninos de Oiro

Ainda hoje, sempre que penso na Meninos de Oiro, lembro-me da linda canção do Zeca, que os jovens da minha geração cantavam em grupo, quando fazíamos aquelas maravilhosas excursões à Serra da Arrábida, durante as férias da Páscoa, ou mais tarde, nas tertúlias conspirativas que se organizavam na Faculdade, antes do 25 de Abril.

Passaram quinze anos desde que nasceu esta Associação que ainda hoje tem sabor a música.

Conheci a Céu nessa altura, cheia de sonhos e com uma vontade forte de apostar numa Organização que defendesse as crianças das áreas de Azeitão e Sesimbra.

Achei uma ideia genial.

Conhecia relativamente bem a zona e tinha ideia que havia uma carência de meios enorme nesta área, que embora perto de Lisboa ou Setúbal, se tornava distante no âmbito da protecção e acabava por sofrer com isso, pois há coisas que só são confortadas com a proximidade, como é o caso da prevenção no que respeita aos maus tratos e à negligência das crianças. Por isso, achei sempre que a Céu e a sua equipa tinham contribuído imenso para mudar este estado de coisas, ao trazer para a discussão matérias que se não forem trazidas para a discussão, continuam inacessíveis e a fazer parte dos tabus.

A Céu é portadora de uma cultura que desafia os preconceitos e facilita o pensamento crítico, daí que tem manifestado sempre a preocupação da partilha de ideias a favor de um mundo melhor para as crianças.

Porque sabemos que a informação e o pensamento são essenciais, mas é necessário avaliar e sistematizar, e sem reflexão conjunta é mais difícil chegar às boas práticas, foi com muito gosto que percebemos a motivação dos encontros que têm reunido um conjunto de técnicos e pensadores dos Direitos Humanos e dos Direitos da Criança, em particular.

No Encontro inaugural estive um grupo de pessoas que ambas apreciávamos imenso. Lembro-me do Luís Villas-Boas, do Fernando Nobre e da nossa muito saudosa Maria Barroso.

Mais tarde, noutra iniciativa organizada pela Meninos de Oiro, estive a Dulce Pontes, a encantar-nos com a sua voz de cristal e a Catalina Pestana, com a querida neta.

Sei que já estão a organizar a IX Conferência. É obra! E os temas foram sempre muito actuais, oportunos e variados e aprendi muito com os excelentes oradores convidados em todos os encontros a que tive o privilégio de assistir.

Sei que a Céu continua cheia de projectos e que há um que ainda não conseguiu concretizar. Mas o trabalho na área da prevenção é notável e é sobretudo nesse que temos de investir, cada vez mais. Entendo este desafio dos CAFAP desta forma.

Quanto mais fizermos na prevenção, mais evitamos a institucionalização de crianças, que tantos males tem causado. Os abusos institucionais continuam a ser um flagelo terrível e por isso, tudo o que possa ser feito para apostar em alternativas, desde o apoio à família apostando nas suas capacidades e fortalecendo as suas competências, às famílias de acolhimento, que necessitam ser apoiadas com formação, seguida de uma selecção criteriosa, é muito adequado e proveitoso.

Há ainda muito que pode ser feito e tenho a certeza que a Meninos de Oiro, não obstante a determinação dedicada da sua equipa, precisa do nosso apoio, pois não existe ainda por parte do Estado o estímulo devido às ONG de Crianças que no quotidiano lutam para prosseguir os seus objectivos de mais dignidade e mais bem-estar para elas. Nunca lhes seremos suficientemente gratos, porque investir na infância é afinal apostar na felicidade.

Sei que muitas vezes ainda não há um verdadeiro reconhecimento pelo esforço das ONG de Crianças, atitude que resulta decerto de não ter sido interiorizado o papel fundamental da infância na vida dos seres humanos.

Muitas vezes é só nessas ONG que as crianças aprendem a Dignidade e o Amor.

Termino com uma história muito bonita que gosto de contar sobre a ilha dos sentimentos, no dia em que receberam a notícia de que a ilha iria afundar-se:

Ao ouvirem a má nova, os sentimentos dirigiram-se à praia, onde tinham os barcos. Pegaram nos pertences e, quando já estavam prestes a abandonar a ilha, viram o Amor a correr de um lado para o outro. O Amor tinha ficado absorto nos seus pensamentos e devaneios e quando se dirigira à praia, já não vira barco nenhum.

Falou à Alegria, mas ela não lhe respondeu. Nem o ouviu, tal era a algazarra dentro do barco. Falou depois à Tristeza, que de tão triste, lhe respondeu chorando, que nem pensar, pois tinha sido um amor que a deixara naquela tristeza. Depois, falou à Amizade, que estava rodeada de amigos e lhe disse que nem pensar, pois que o Amor conseguia às vezes estragar a amizade... O Amor dirigiu-se depois à Ganância, e apercebeu-se que ela lhe tinha furtado o seu barco, pois tinha dois. A Ganância tinha os barcos carregados de ouro e jóias e disse-lhe que não tinha lugar para ele, indiferente ao perigo de afundamento. Estava o Amor quase a chorar de aflição, dirigiu-se-lhe um velho de barbas brancas que lhe propôs levá-lo para terra segura. O Amor ficou-lhe muito grato e abraçou-o, mas só quando chegou a terra se lembrou que devia ter perguntado a quem devia a vida. Pediu ao Saber que lhe dissesse se sabia quem era o personagem mistério que o salvara e o Saber respondeu-lhe: Foi o Tempo quem te salvou, porque só tempo sabe o valor que o Amor tem na vida.

E é isso. A Meninos de Oiro tem espalhado Amor.

Obrigada pelo exemplo! E obrigada Céu, pela inspiração e pela perseverança!

Almada, Abril de 2018

Dulce Rocha

Presidente do Instituto de Apoio à Criança